

# sobre tudo

## A RODA DE HISTÓRIAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC: UMA POSSIBILIDADE DE FRUIÇÃO ESTÉTICA E LITERÁRIA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Elisangela Melnik Trombetta<sup>8</sup>

Liliane Alves da Silva<sup>9</sup>

Marilei Maria da Silva<sup>10</sup>

Marília Gabriela Petry<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Professora de Educação Geral dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, linha de pesquisa Sociologia e História da Educação. Contato: [elisangelatrombetta@gmail.com](mailto:elisangelatrombetta@gmail.com)

<sup>9</sup> Professora de Educação Geral dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC, linha de pesquisa Políticas Educacionais, Ensino e Formação. Contato: [lilicaasilva2@gmail.com](mailto:lilicaasilva2@gmail.com)

<sup>10</sup> Professora de Educação Geral dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Contato: [marileisilva@yahoo.com.br](mailto:marileisilva@yahoo.com.br)

<sup>11</sup> Professora de Educação Geral dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC. Contato: [marilia.petry@ufsc.br](mailto:marilia.petry@ufsc.br)

**Resumo:** O artigo ora apresentado nasce do desejo de um grupo de professoras de Educação Geral, do Colégio de Aplicação/UFSC, de qualificar o tempo de vivência da infância na escola a partir da realização de Rodas de Histórias, bem como de reencontrar o sentido da prática educativa para além dos conteúdos curriculares prescritos. Este artigo tem como objetivo narrar o percurso traçado desde a criação da Roda de Histórias em 2012 até a formalização em 2016, desse espaço/tempo, também como um lugar de pesquisa e extensão. Portanto, são apresentados os princípios e fundamentos que guiaram a construção e realização da Roda enquanto atividade de ensino durante seis anos, assim como, o primeiro exercício no campo da pesquisa, tentando compreender como os familiares e os professores significam a vivência da Roda de Histórias do CA/UFSC.

**Palavras-chave:** Roda de histórias; Criança; Oralidade; Imaginação; Escola.

## **RODA DE HISTÓRIAS DEL COLÉGIO DE APLICACIÓN/UFSC: UNA POSIBILIDAD DE DISFRUTE ESTÉTICO Y LITERÁRIO EN EL COTIDIANO DE LA ESCUELA**

**Resumen:** El artículo presentado nace del deseo de un grupo de maestras de Educación Primaria del Colégio de Aplicação/UFSC, de calificar el tiempo de vivencia de la infancia en la escuela a partir de la realización de Rodas de Histórias, así como de reencontrar el sentido de la práctica educativa más allá de los contenidos curriculares establecidos. Este artículo tiene como objetivo narrar el camino trazado desde la creación de la Roda de Historias en 2012 hasta la formalización en 2016, de ese espacio/tiempo, también como un lugar de investigación y extensión. Por lo tanto, son presentados los principios y fundamentos que han guiado la construcción y realización de la Roda

como actividad de enseñanza durante seis años, así como, la primera actividad en el campo de la investigación, intentando comprender como los familiares y los profesores significan la vivencia de la Roda de Histórias del CA/UFSC.

**Palabras clave:** Rueda de historias; Niños; Oralidad; Imaginación; Escuela.

## Introdução

O presente artigo tem por objetivo dar visibilidade ao percurso desenvolvido pela vivência da Roda de Histórias, inicialmente como uma atividade de ensino inserida no currículo de algumas turmas dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação e seus primeiros passos no universo da pesquisa. A partir de um relato pontual de como se constituiu a organização dos tempos e espaços necessários, bem como da inserção gradual das turmas, percebe-se que as atividades que hoje se apresentam formalizadas, com objetivos e metodologias demarcadas, nasceram no bojo da sala de aula com o objetivo de garantir às crianças a possibilidade da fruição estética e literária, por meio da narração oral de histórias e de vivenciar um encontro no qual a urgência dos conteúdos escolares cede lugar à imaginação, à poesia, ao sonho, à música, à brincadeira.

Com este norte, a proposta de organização deste texto contempla dois momentos: no primeiro, descrevemos como nasceu e foi constituindo-se a vivência da Roda de Histórias, enquanto atividade de ensino, entre os anos 2012 e 2016; no segundo, apresentamos uma breve análise de dados gerados em

2016, primeiro ano em que a vivência da Roda de Histórias constituiu-se também como objeto de pesquisa junto às professoras e aos familiares das crianças dos Anos Iniciais.

### **1 Se “todo mundo conta histórias” nós queremos contar a nossa!**

Conforme orienta a proposta pedagógica do CA/UFSC, as professoras dos Anos Iniciais devem realizar o planejamento compartilhado de alguns projetos de trabalho, garantindo um momento de reflexão acerca das práticas pedagógicas e dos processos de aprendizagem das crianças nos anos iniciais. Nesse espaço, ideias, atividades e materiais são construídos juntos. Por conseguinte, a interação entre as turmas do mesmo ano acontece sistematicamente em diferentes propostas de trabalho, possibilitando a participação das crianças e das professoras num exercício de aprender com o outro.

Foi justamente em um destes encontros, em 2012, que surgiu a proposta de organização da Roda de Histórias, um momento de fruição estética e literária para ouvir e contar histórias. Desde então, a vivência foi inserida na rotina semanal das crianças dos anos iniciais no CA/UFSC. No princípio, reuníamos-nos em uma sala de aula, três turmas, sendo dois primeiros anos e um segundo ano, totalizando 75 crianças. Contávamos três histórias em cada encontro. A Roda de Histórias, então se tornou motivo de conversas e reflexões na sala dos professores e não demorou muito para que despertasse o desejo de mais uma professora em participar, incluindo assim na Roda, outras crianças.

É importante destacar que a narração de histórias sempre foi uma prática nos anos iniciais, mas algumas professoras não se sentiam à vontade para se inserirem como contadoras nesse novo espaço que estávamos construindo aos poucos, justificando que, do ponto de vista delas (e somente delas), para ocupar esse lugar eram necessários alguns pré-requisitos. Naquela etapa de construção da Roda, o papel de contador foi atribuído aos dois professores que tinham formação em contação de histórias. Entretanto, em pouco tempo, considerando as reflexões teóricas e as vivências com narração de histórias que compartilhávamos, o grupo foi convidado a assumir o compromisso de caminhar a partir da compreensão de que "Todo mundo conta histórias..." e que não há um jeito certo ou errado de contar, mas que é, sobretudo, no exercício dessa prática e na reflexão sobre ela que iríamos encontrando e construindo o "nosso jeito" de contar histórias.

As vivências da roda proporcionaram uma intensa e fecunda interação entre as professoras e as crianças. Instaurou-se uma atmosfera de cumplicidade. Foi esse clima que nutriu o desejo de outras professoras de "entrar na roda e contar". Assim, a roda constituiu-se também como espaço de formação e trocas. O que de fato aconteceu pode ser traduzido nas seguintes palavras: "O narrador oferece a história como quem oferece um presente. Talvez seja por isso, por essa troca de presentes, que as turmas onde se contam histórias regularmente acabam criando um forte sentido de comunidade" (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 122).

Não demorou muito para as crianças assumirem a palavra. Na medida em que os vínculos com os contadores, com os colegas, com o espaço e com as vivências foram construídos, elas também passaram a partilhar suas histórias preferidas, dando-nos elementos para concordarmos que, ao contarmos histórias para as crianças, estamos "permitindo a elas a fruição de obras de arte, tanto em termos literários quanto de *performance* dramática. Estaremos acima de tudo estimulando-as a contar histórias também e a valorizá-la como prática cultural." (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 151).

A Roda de Histórias desenvolveu-se durante todo o ano letivo de 2012 e, ao longo das vivências, ratificamos, nos nossos momentos de planejamento compartilhado, a importância de utilizarmos a arte de narrar com objetivo de fruição estética e literária e não como pretexto para exploração dos conteúdos didáticos. Dessa forma, "as histórias deixam de ser simples pretextos e desculpas, para ser todo o texto-razão" (SISTO, 2005, p. 86).

Iniciamos o ano de 2013 sem a presença do professor que inaugurou as vivências da Roda de Histórias. Contudo, tendo as vivências consolidadas entre as professoras e o grande interesse pessoal mobilizado pelo prazer de compartilhar histórias, o grupo decidiu dar continuidade ao movimento iniciado em 2012. Foi planejada uma nova configuração para esses momentos, organizando e ampliando o processo de interação com outras crianças e professoras. Além das quatro turmas que já faziam parte do projeto, a roda recebeu mais uma.



**Figura 1:** Roda de Histórias, acervo do grupo, 2013.

Após um ano de existência, a Roda de Histórias já possuía um ritual, reunidos em uma sala de aula, cantávamos juntos: “Todo mundo conta histórias / todo mundo tem seu jeito / de abrir o universo / que está dentro do seu peito [...]”<sup>12</sup>. No embalo dessa música, íamos nos preparando de corpo e coração para uma deliciosa aventura pelo mundo das histórias!

Éramos, neste ano, cinco professoras e 115 crianças, contando e ouvindo duas histórias em cada encontro semanal e, esta configuração, acabou por evidenciar dois desafios para o grupo. Primeiro, percebemos que receber na Roda essa

---

<sup>12</sup> *Todo mundo conta histórias* é o título de uma música composta por Rosana de Almeida no contexto do projeto de extensão Oficina Permanente de Narração de Histórias da UFSC, coordenado por Gilka Girardello. Essa música faz parte do ritual da nossa Roda de Histórias e para nós é um convite a pensarmos a narração de histórias como prática humana essencial.

quantidade de crianças, interferia na possibilidade de um contato mais intimista entre contador e ouvinte, compreendido como fundamental nessa prática. Concordávamos que "a contação de histórias pede olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte. [...] prioriza-se espaços onde o contador possa estar o mais próximo possível do ouvinte, propondo, assim, uma comunhão entre quem narra e quem ouve" (BUSATTO, 2011, p. 32). Juntou-se a isso o fato de que, além de todas as atribuições inerentes à função de professor, tínhamos que buscar repertório e prepará-lo para contar uma vez por semana, o que exigia de nós um tempo que não tínhamos, comprometendo a qualidade das narrações, pois era consenso que "o narrador tem uma responsabilidade imensa ao colocar-se diante de outras pessoas que lhe presenteiam o privilégio de ser escutado" (ORTIZ, 2004, p. 109). Dessa forma, pensamos em uma nova organização. Dividimos as turmas em dois grupos e quatro contadoras (entre as cinco professoras) ficaram responsáveis por se revezarem nos dois grupos, preparando uma história a cada quinze dias. Logo nos primeiros encontros, a mudança foi entendida como fundamental para garantir momentos de maior envolvimento das crianças nas rodas.

No ano de 2014, a Roda de Histórias deixou de contar com a atuação de três professoras. Uma delas em virtude de afastamento para formação, outra por ter sido removida para o CA de Porto Alegre e a terceira por ter assumido o cargo de Diretora de Ensino do CA. Essas ausências resultaram em uma perda significativa para o projeto de ensino, mas, em



contrapartida, impôs que revisitássemos as convicções quanto aos objetivos da Roda de Histórias.

Fez-se necessário entre as duas professoras que permaneceram no projeto, ratificar a importância da Roda de Histórias no cotidiano da escola e suas contribuições para o desenvolvimento das crianças. Sabíamos que as exigências, comuns à maioria das escolas, com relação ao currículo e aos conteúdos didáticos que o compõem, nos dão muitas vezes a sensação de que, atividades como essa, sem o objetivo de trabalhar os conteúdos curriculares prescritos, eram perda de tempo. Por outro lado, compreendíamos que as possibilidades da narração de histórias, como recurso didático, eram enormes.

Contudo, tínhamos a clareza que nosso objetivo central com a Roda de Histórias ia ao encontro do que pensam Fox e Girardello (2004) quando assinalam que inserir a narração de histórias dentro da escola é acima de tudo "proporcionar às crianças uma experiência cultural e artística com valor em si" (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 128). Essas reflexões nos ajudaram em duas decisões: seguiríamos com a Roda de Histórias e manteríamos o momento para fruição estética e literária enquanto manifestação artística e cultural, sem maiores pretensões curriculares.

Em 2014 participaram da roda de histórias cinco turmas, duas de 1º ano e três de 2º ano. Naquele momento, apenas as professoras do 1º ano contavam histórias, pois, as professoras que atuavam no segundo ano eram novas na escola e ainda não se sentiam à vontade para tomar a palavra. Organizávamos duas

rodas semanalmente, com alternância na participação das turmas do 2º ano, ora com o grupo do 1º ano, ora em separado.

Com a chegada de 2015, o interesse na participação da Roda de Histórias foi manifestado por novas professoras recém-chegadas ao colégio. Nesse novo contexto, as professoras e as crianças que já participavam dessa vivência nos anos anteriores organizaram-se para receber as novas turmas que também passaram a ouvir histórias uma vez por semana na companhia das crianças dos primeiros e segundos anos.

Ao final deste ano, avaliando o percurso desenvolvido desde 2012 e entendendo que essa vivência tinha se firmado como uma atividade de ensino significativa, resolvemos construir uma proposta de ampliação que oportunizasse um espaço de reflexão e formação tanto das professoras quanto das crianças. Nesse sentido, elaboramos um projeto para transformar a então atividade de ensino, também em uma proposta que incluísse a pesquisa e a extensão.

Em 2016, com a realização das ações de Extensão e Pesquisa o projeto ganhou maiores proporções e visibilidade dentro e fora do Colégio de Aplicação. Além disso, a atividade de ensino que é a essência do projeto também se expandiu. As turmas do 3º ano passaram a realizar a Roda de Histórias, e mais professoras assumiram o papel de contadoras. Portanto, em 2016 oito turmas de 1º a 3º ano, ou seja, 190 crianças vivenciaram a experiência da roda de histórias.



**Figura 2:** Roda de Histórias, acervo do grupo, 2016.

Ao longo desses cinco anos, nosso repertório de histórias foi eclético, respeitando a diversidade de escolhas literárias e estilos dos contadores. Alguns escolhiam textos literários autorais e procuraram uma *performance* mais fiel ao texto escrito. Outros buscavam histórias da tradição oral, permitindo-lhes contar com suas palavras.

Em nossa perspectiva, as histórias, sem qualquer vinculação com o conteúdo escolar, devem ser preparadas pelos contadores utilizando como principal recurso a palavra falada. Ainda que as histórias estejam registradas em livros, optamos por contá-las com a intenção de deixar fluir a narrativa e não permitir que o suporte interfira na *performance*, a fim de "resgatar àquela (sic) figura ancestral, que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, àquilo (sic) que havia sido gravado na sua memória através da oralidade" (BUSATTO, 2012, p. 10).

Não pretendemos dizer que contar uma história sem livro é melhor do que ler uma história, mas sim evidenciar a nossa opção. A narração sem livro se dá pela percepção de que na escola atual há uma maior carência da oralidade, e, além disso, nossos objetivos com a *Roda de Histórias* encontram maior coerência e fundamentação na prática da narração de história sem o suporte, como nos inspira Gilka Girardello quando diz que:

O impulso para acompanhar uma história surge da vontade de saber o que virá depois [...] Quando abrimos um livro de histórias diante das crianças, esse desejo se confunde com a expectativa pela virada de página: que imagens lhes serão dadas a ver? Reconhecendo a inestimável riqueza estética e simbólica desse processo, buscamos destacar também a necessidade de que seja ao mesmo tempo exercitada a capacidade de evocar imagens na ausência das figuras, a partir apenas das palavras (GIRARDELLO, 2007, p. 06).

Atualmente, as crianças recebem histórias e imagens prontas por meio das mídias, televisão, *games* e livros com muitas ilustrações, muitas vezes estereotipadas. Portanto, a capacidade de criar ou imaginar fica dispensada diante de tanto aparato tecnológico e da quantidade de imagens às quais são submetidas. Nossa proposta caracteriza-se por oferecer oportunidades que favoreçam o exercício da imaginação criadora, estimular a criatividade e também compreender o papel dessas histórias na constituição do imaginário, sem o recurso de imagens prontas, pois:

Contar histórias, hoje, significa salvar o mundo imaginário. Vivemos, em nosso tempo, o império das imagens, quase sempre gerais, reprodutoras e sem individualidade. Essa reprodução, desenfreada, operada por uma série de meios de comunicação, em muitos casos, impede o livre exercício da imaginação criadora. O espaço que sobra para o destinatário influir no produto é quase nenhum. (SISTO, 2005, p. 28).

O contato das crianças com a diversidade de histórias e as diferentes *performances* contribui para que construam também seu próprio jeito de contar.

Quando as histórias estão registradas em livros, assumimos o compromisso de mostrar o objeto livro às crianças ao final das narrativas. Temos observado que o livro apresentado torna-se muito requisitado e acaba circulando nas mãos de todos, que o manuseiam com olhos brilhantes, demonstrando o desejo em visitar e reviver as histórias contadas pelas professoras.

Quando são textos da tradição oral, apresentamos a fonte de pesquisa e deixamos o convite para que as crianças contem essa história para seus familiares.

A Roda de Histórias tem enriquecido a expressão oral das crianças; evidenciada nos momentos em que assumem o protagonismo da palavra, vestem-se do papel de contadoras de histórias e buscam no repertório contado pelas professoras, as palavras e os enredos, os gestos e as entonações.



**Figura 3:** Douglas (aluno do 2º ano) contando uma história na Roda de Histórias realizada no espaço estético do CA, acervo do grupo, setembro de 2016.

## **2 Como os familiares e os professores significam a vivência da Roda de Histórias do CA/UFSC**

Na perspectiva de qualificar a vivência da Roda de Histórias, ampliamos o então projeto de Ensino, transformando-o também, em 2016, em projeto de Pesquisa e Extensão. Neste item, apresentaremos e faremos uma breve análise acerca dos dados gerados ao longo do ano, por meio do instrumento questionário. No segundo semestre de 2016, iniciamos a geração de dados referente à vivência da roda de histórias. Elaboramos questionários com questões fechadas e abertas, entregues às professoras e aos familiares de todas as crianças que participavam da roda do 1º ao 3º ano naquele momento. Nossa intenção era discutir e refletir acerca de "Como os familiares e os

professores significam a vivência da Roda de Histórias do CA/UFSC?".

Para tanto, foram enviados aos familiares 190 questionários por intermédio das agendas das crianças que estudavam nas turmas do 1º B, C, 2º A, B, C e 3º A, B, C e que participavam das rodas de histórias durante o ano letivo de 2016. Recebemos a devolução de 150 questionários dos familiares.

## 2.1 O que dizem as famílias...

Questões fechadas

a) *Você tem conhecimento de que seu/sua filho/a vivencia uma atividade dentro do currículo escolar chamada Roda de Histórias?* ( )

*Sim* ( ) *Não*

b) *Você sabe o dia da semana em que isso acontece?*

( ) *Sim* ( ) *Não*

c) *Seu/sua filho/a já comentou sobre a dinâmica da Roda de Histórias? Como ela acontece? Em que espaço? Qual o ritual?*

( ) *Sim* ( ) *Não*

d) *Você sabe se o/a seu/sua filho/a já contou alguma história na Roda de Histórias?*

( ) *Sim* ( ) *Não*

e) *Seu/sua filho/a já lhe contou alguma história que ouviu na Roda de Histórias?*

( ) *Sim* ( ) *Não*

Questões abertas

f) *Em casa seu/sua filho/a fala sobre a Roda de Histórias? O quê?*

g) *Você considera essa vivência importante para as crianças?*

( ) *Sim* ( ) *Não*. *Por quê?*

h) *Você tem alguma sugestão ou comentário acerca da atividade Roda de Histórias?*

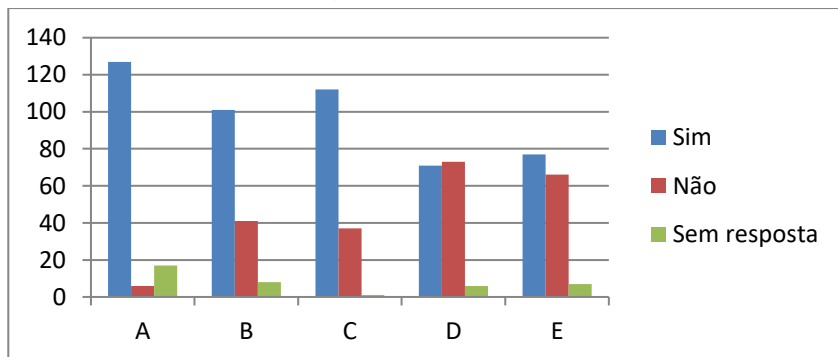
Em relação ao primeiro grupo de questões, obtivemos os seguintes dados:

**Tabela 1:** Respostas das questões “A” a “E”

Questão	Sim	Não	Sem resposta
A	127	06	17
B	101	41	08
C	112	37	01
D	71	73	06
E	77	66	07

Fonte: Sistematização dos questionários.

**Gráfico 1:** Respostas das questões “A” a “E”



Fonte: Sistematização dos questionários.

Observamos que 127 dos 150 familiares que responderam ao questionário, ou seja, 84,66% tinham



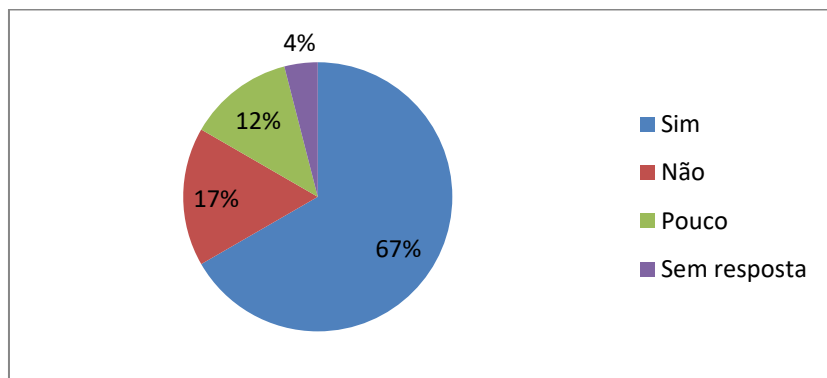
conhecimento de seu/sua filho/a vivenciava uma atividade dentro do currículo escolar chamada Roda de Histórias. Enquanto 37,33% sabiam em qual dia da semana esta atividade acontecia. 74,66% das crianças cujos familiares responderam ao questionário comentaram em casa sobre a dinâmica da Roda de Histórias, como ela acontecia, em que espaço e qual o ritual.

Por outro lado, 48,66%, praticamente 50% dos familiares não sabiam se o/a seu/sua filho/a já tinha contado alguma história na Roda de Histórias. Enquanto 51,33% das crianças cujos familiares responderam ao questionário já contaram aos seus familiares alguma história que ouviram na roda.

Esses dados indicam que, em 2016, as crianças conversavam em casa com seus familiares a respeito da roda de histórias, sendo que a maioria dos familiares tinha algum conhecimento acerca dessa atividade de ensino. Os números diminuíram para cerca de 50% quando a pergunta era se o seu/sua filho/a conta histórias na roda e se reconta em casa as histórias ouvidas na roda. Ou seja, há uma menor participação das famílias no que diz respeito ao repertório de histórias ouvidas e contadas pelas crianças. Tal informação é reforçada pelos indicativos da questão “H”, abaixo analisados.

Em relação ao segundo grupo, de questões abertas, foi possível identificar semelhanças nas respostas. Tal como observamos no gráfico 2.

**Gráfico 2:** Seu/sua filho/a fala sobre a Roda de Histórias?



Fonte: Sistematização dos questionários.

Dos familiares que responderam ao questionário, 67% das crianças falavam em casa sobre a Roda de Histórias. Os registros feitos pelos familiares giram em torno da criança gostar, achar divertido, contar que uma professora toca violão, entre outros. Conforme vemos nos excertos abaixo:

*Fala que gosta muito e está se encorajando para contar uma história. Já decorou a história e tudo. (Familiar 1)*

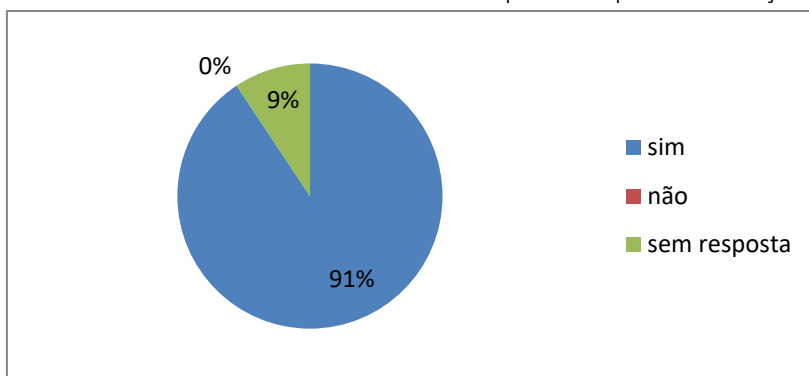
*Ele falou que cada roda um aluno conta de sua maneira uma história. (Familiar 2)*

*Que contam histórias, que cantam músicas e levam instrumentos musicais. (Familiar 3)*

*Sim, comenta a dinâmica e imita o funcionamento com seus bonecos e ursos.*  
(Familiar 4)

No gráfico 3 estão representadas as respostas referentes à questão se a família considera a vivência da roda de histórias importante para as crianças.

**Gráfico 3:** Você considera essa vivência importante para as crianças?



Fonte: Sistematização dos questionários.

Entre os aspectos mencionados pelas famílias destacam-se: desenvolvimento da criatividade e imaginação; estímulo à leitura; ampliação de vocabulário; desinibição/segurança ao falar em público.

Portanto, os familiares reconhecem que a roda de histórias, para além de um espaço de “fruição estética e literária para ouvir e contar histórias”, que constitui a intenção central do projeto, é também um momento em que as crianças desenvolvem sua criatividade e imaginação; tomam gosto pela leitura ao recorrer aos livros em que estão as histórias contadas;

ampliam seu vocabulário ao preparar uma história para ser contada; bem como se tornam mais desenvoltas e seguras ao expor suas ideias em voz alta.

Reproduzimos alguns excertos que representam esse pensamento:

*Acredito que esse tipo de atividade ajuda no desenvolvimento sócio-afetivo, reduz a inibição e amplia a criatividade ao dar espaço para a imaginação da criança fluir. (Familiar 5)*

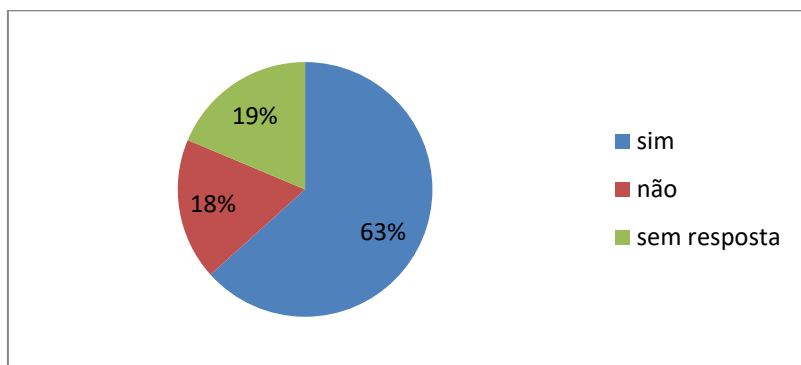
*Sim, porque no mundo onde a tecnologia está cada vez mais acessível para crianças, onde as informações acabam chegando mais rápido, os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas e com a roda de história se torna um desafio para que as crianças voltem a ter o gosto pela leitura. (Familiar 6)*

*As narrativas são as formas mais básicas de texto, sendo assim ao contar e ouvir histórias as crianças melhoram a leitura e a escrita. Além de treinar a oralidade e a expressão corporal, que são elementos de fundamental importância nos tempos atuais. (Familiar 7)*

*Porque compartilhar histórias enriquece nossas vivências e amplia nosso repertório cultural. (Familiar 8)*

Por fim, ao serem perguntados se teriam alguma sugestão ou comentário, 63% dos familiares fez algum tipo de registro, 18% disseram não ter sugestão a fazer, enquanto 19% apenas não responderam.

**Gráfico 4:** Você tem alguma sugestão ou comentário acerca da Roda de Histórias?



Fonte: Sistematização dos questionários.

Entre as sugestões dos familiares foi recorrente o registro de que gostariam de participar em algum momento. Esse dado nos indicou que nem todas as famílias sabiam da existência da “Roda de Histórias com as Famílias”, um evento de extensão específica, iniciada em 2016, que tem como objetivo aproximar as famílias dessa vivência e do ambiente escolar. Portanto, sinalizou que para os anos seguintes precisávamos melhorar a comunicação e divulgação desse evento.

Os familiares também tinham o desejo de que ocorresse algum tipo de registro das histórias contadas na roda para e pelas crianças, para que pudessem conversar mais com seus filhos.

*Poderia haver alguma comunicação, registro com o nome das histórias contadas e o nome de quem contou. Dessa forma as famílias ficam sabendo melhor do que há na roda naquela semana. (Familiar 9)*

As respostas sinalizaram um desejo de participar e se integrar mais das ações do projeto.

*Para incentivar os pais a participarem mais na vida escolar, que as crianças treinem uma história em casa para depois contarem na roda. (Familiar 10)*

De certa forma, as famílias sinalizaram o desejo de que as ações que vinham sendo realizadas fossem mais sistematizadas. Uma vez que essa prática de entrar em contato com as famílias das crianças que desejavam contar histórias já vinha ocorrendo, restava-nos articular melhor com as famílias para que também incentivassem e despertassem o desejo das crianças em assumirem a palavra.

Sobre isso, algumas famílias indicaram um aspecto que é um dos grandes desafios do projeto, desenvolver a oralidade e habilidades da narração em crianças com mais dificuldade nessa área da linguagem, assim como contribuir para o empoderamento das crianças mais inibidas e inseguras:

*Na verdade, não sei se seria uma sugestão, pois é direcionado ao meu filho, pois não sei se tem alguma criança que também não goste de contar histórias. Ele adora ouvir, mas não gosta de contar, gostaria apenas de pedir, se possível, para estimular para quem sabe ele ou outras crianças se soltarem de alguma forma. (Familiar 11)*

*Acredito que algumas crianças são mais desinibidas que outras. Nesse caso, seria legal incentivar os mais tímidos e vergonhosos a superar suas inseguranças até que consigam também contar suas histórias. (Familiar 12)*

## 2.2 O que dizem as professoras...

69

---

Às professoras das turmas envolvidas na Roda de Histórias foi entregue o seguinte questionário composto por perguntas abertas. Salientamos que estas professoras participaram da Roda levando seus alunos periodicamente para ouvirem histórias. Nenhuma delas assumiu a palavra nos momentos de contação. Sendo assim, as questões dirigidas a elas buscavam perceber as suas impressões no que diz respeito à vivência da Roda de Histórias no processo de desenvolvimento de seus alunos.

- 1. Com que frequência você participou da Roda em 2016?*
- 2. Como você percebeu a vivência da Roda de Histórias para as crianças das turmas em que trabalha?*
- 3. Que pontos positivos você destacaria dessa vivência?*

4. *Que pontos a serem melhorados você destacaria?*
5. *Como você avalia o envolvimento na vivência da Roda de Histórias?*
6. *Você teria alguma sugestão para a organização do projeto em 2017?*

O primeiro ciclo dos Anos Iniciais em que o projeto de ensino era desenvolvido contava com 11 (onze) professoras, nove de Educação Geral e duas da Educação Especial, distribuídas em nove turmas. Oito turmas e 10 (dez) professoras estiveram envolvidas na vivência da Roda de Histórias em 2016. Das professoras envolvidas, quatro eram proponentes do projeto e não responderam o questionário. Sendo assim, foram distribuídos seis questionários e obtivemos o retorno de quatro deles.

Em relação à primeira questão, as professoras responderam que participaram, em média, durante um semestre da vivência da Roda, que acontecia uma vez por semana ou quinzenalmente, dependendo da turma. A maior parte delas participou mais assiduamente no primeiro semestre. Isso se deve ao fato de que no segundo semestre a dinâmica da Roda se alterou nos terceiros anos, ficando essa atividade de ensino restrita às aulas de Português, enquanto no primeiro semestre a Roda não estava vinculada ao horário destinado a esta disciplina. Vale lembrar que a partir do terceiro ano há uma divisão entre as professoras por área do conhecimento – a saber, Português, Matemática e Ciências Humanas e da Natureza –, ficando uma professora responsável por trabalhar cada área.

No que diz respeito à segunda questão, as professoras indicaram que a vivência da Roda se constituiu em momentos de alegria e interação. Sinalizaram que as crianças demonstravam entusiasmo na espera desse momento.



De acordo com a terceira questão, as professoras observaram que as crianças ficavam mais calmas, desenvolveram a capacidade de escuta, a oralidade e a criatividade. Além disso, salientaram que a Roda de Histórias promovia a interação entre turmas e aproximava as crianças da literatura, estimulando o gosto pela leitura.

Em relação à quarta questão, as professoras apontaram a necessidade de um espaço próprio para a realização da Roda de Histórias, tendo em vista que ela acontecia na sala de aula. A organização e o desmonte da estrutura necessária (disposição em círculo, arrumação do lugar com elementos simbólicos [fogo, livros, tecidos, instrumentos musicais, etc.], reorganização das cadeiras e carteiras) requeria um espaço, um tempo e um esforço que o cotidiano escolar não favorece. Além disso, sugeriram que as professoras não proponentes do projeto também fossem incentivadas a contar histórias. Lembraram ainda que seria interessante mesclar as turmas na composição da Roda, ampliando assim as possibilidades de interação.

Referente à quinta questão, as professoras consideraram a participação das crianças na Roda como muito boa, tanto no que diz respeito à atenção e escuta das histórias, como no envolvimento com as brincadeiras e músicas que preparam o terreno para a contação de histórias.

Pertinente à última questão, as professoras reafirmaram o desejo de participação mais efetiva no planejamento e vivência da Roda de Histórias.

## Considerações Finais

*Até parece que foi ontem, mas já se vão seis anos...*

O exercício de sentar, fazer memória e registrar os passos dados nos permite dizer que a vivência da Roda de Histórias, iniciada em 2012, no Colégio de Aplicação, tem convertido-se num espaço/tempo de muita reflexão para além dos objetivos iniciais da Roda de Histórias. Quantas vezes nos surpreendemos ao dizer que “naquele momento (da Roda), ao redor da chama da vida acesa por nossos antepassados, nem parece que estamos na escola”. Sentar em roda, cantar, fazer silêncio, olhar e ouvir o outro, imaginar, acolher, rir (...) enfim, desafiar a lógica do certo/errado, da tarefa de casa, do exercício que vale nota (...) e se entregar ao prazer de adentrar no imaginário que as histórias nos oferecem, muitas vezes parece ir à contramão das necessidades urgentes dos currículos que marcam, ponto a ponto, o que e quando devemos ensinar.

De fato, a experiência destes seis anos de “Roda de Histórias” tem nos inquietado e nos encorajado na busca de alternativas para transformar o universo escolar num espaço mais acolhedor, no qual saberes e afetos possam ser partilhados.

O retorno que obtivemos destes primeiros passos no campo da pesquisa com as famílias (questionários enviados via agenda) nos dão maior fôlego para qualificar esta vivência. Há uma indicação de que a maioria das famílias conhece a atividade intitulada Roda de Histórias, reconhece sua importância no contexto escolar e demonstra interesse em contribuir com essa prática.

A pesquisa feita com as professoras das turmas que participaram da Roda, em 2016, também traz dados que nos permitem afirmar que estas reconhecem que a vivência da Roda desperta nas crianças sentimentos como a alegria e o entusiasmo e menciona o desenvolvimento de aspectos como interação, atenção, oralidade e criatividade.

E assim, seguimos... Alguns passos já foram dados, outros ainda estão por vir! Por agora nos alegramos em perceber que estamos a caminho.

## Referências

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, Ed. 3, 2011.

\_\_\_\_\_. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FOX, Geoff; GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In: GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2004, p. 116-151.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (Org.). **Infância**: imaginação e educação em debate. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Ágere). Disponível em: <<http://botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNarracao.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

ORTIZ, Estrella. Ler interpretar, recitar... In: GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

